



Proficientia

Periódico Multidisciplinar do IFMT – Campus Cuiabá

AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

AFFECTIVITY IN THE TEACHING AND LEARNING PROCESS

Maria Garbin¹
Wagner Feitosa Avelino²

Resumo

O presente artigo, tem o objetivo principal analisar a afetividade a partir do processo de ensino e aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental. Como metodologia, recorreu-se a revisão literária ao consultar bases bibliográficas disponíveis em sites nacionais, assim como obras que abordam a temática proposta a luz de Wallon (1981, 1986, 2007), Almeida e Mahoney (2012) e Tiba (2003). Haja visto, que no âmbito educacional, as análises e reflexões estão presentes nas principais teorias do desenvolvimento da criança. Por meio dessa reflexão a respeito das fases de estágios, nas perspectivas waloniana, procurou-se relacionar a dicotomia entre o ensino e aprendizagem e a afetividade no cotidiano escolar, principalmente no que tange à relação professor e aluno. Concluiu-se por meio das leituras, que a afetividade torna-se grande aliada dos educadores, ao qual deve ser fomentada a partir da formação inicial e continuada em prol da qualidade da educação básica e da relação com saber dos alunos.

Palavras-chave: afetividade, anos iniciais, ensino e aprendizagem.

¹ Faculdade de Americana (FAM), Americana-SP – Brasil. E-mail: maria_garbin@hotmail.com

² Faculdade de Americana (FAM), Americana-SP – Brasil. E-mail: profmswagner@gmail.com

Abstract

This article has the main objective to analyze the affectivity from the teaching and learning process in the Early Years of Elementary Education. As a methodology, literary revision was used when consulting bibliographic bases available on national websites, as well as works that address the theme proposed in the light of Wallon (1981, 1986, 2007), Almeida and Mahoney (2012) and Tiba (2003). It has been seen that in the educational field, analyzes and reflections are present in the main theories of child development. Through this reflection on the stages of internships, in the Walonian perspectives, an attempt was made to relate the dichotomy between teaching and learning and affectivity in the school routine, especially with regard to the teacher-student relationship. It was concluded through readings, that affection becomes a great ally of educators, to which it must be fostered from the initial and continued training in favor of the quality of Basic Education and the relationship with students' knowledge.

Keywords: affectivity; early years; teaching and learning.

1 INTRODUÇÃO

A escolha dessa temática deu-se por inquietações que surgiram durante as observações no/do/sobre o cotidiano escolar do ensino fundamental nos anos iniciais, ao qual as reflexões críticas acerca da afetividade partem principalmente no que tange a relação professor e aluno.

Segundo Dantas (1992, p. 85), é na concepção walloniana, que “a dimensão afetiva, ocupa lugar central, tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento”. Por sua vez, a afetividade está intrinsecamente ligada na construção do ser humano em consonância a emoção, que entoa os sentimentos nas fases em que a pessoa se desenvolve, ou seja, desde o nascimento de uma criança a vida adulta. Assim, é um sentimento que permeia o indivíduo, sendo que o professor ao adentrar na vida dos alunos torna-se o foco do processo de ensino e aprendizagem. Nessa mesma perspectiva, a afetividade e aprendizagem são ferramentas indissolúveis dos conteúdos necessários para a criança se tornar cidadã em uma sociedade em transformação (ALMEIDA e MAHONEY, 2012).

Na teoria Walloniana, a afetividade, é o ponto de partida do desenvolvimento do indivíduo. E sua evolução parte de uma sociabilidade sincrética para uma individualização psicológica. A vida afetiva da criança que se organiza em contato com o outro é inaugurada por uma simbiose alimentar que é logo substituída por simbiose afetiva com a mãe (ALMEIDA,1999, p. 44-45).

Conforme Almeida (1999) na concepção de Wallon, a afetividade está ligada ao desenvolvimento da criança com o meio social. Para a autora, a afetividade é a primeira expressão de sentimento da criança no ambiente em que está inserida preparando-se para os desafios em outras fases da vida. Diante do exposto considera-se que “a afetividade manifesta-se primitivamente no comportamento, nos gestos expressivos da criança” (ALMEIDA, 1999, p. 42).

Corroborando, Wallon (1986, p. 146) aponta que:

[...] as emoções são capazes de realizar em um grupo, explica o papel que elas devem ter desempenhado nos primeiros tempos das sociedades humanas: ainda hoje são as emoções que criam um público, que animam uma multidão, por uma espécie de consentimento geral que escapa ao controle de cada um. Elas suscitam arrebatamentos coletivos capazes de escandalizar, por vezes, a razão individual.

Já no cotidiano escolar, o conceito ganha proporção para o processo de ensino e aprendizagem, pois sem essa afetividade, a relação professor e aluno pode ser facilmente rompida ao longo desse processo, remetendo ao fracasso escolar.

Ensinar é profissão que envolve certa tarefa, certa militância, certa especificidade no seu cumprimento enquanto ser tia é viver uma relação de parentesco. Ser professora implica assumir uma profissão enquanto não se é tia por profissão. Se pode ser tio ou tia geograficamente ou afetivamente distante dos sobrinhos, mas não se pode ser autenticamente professora mesmo num trabalho a longa distância, “longe” dos alunos (FREIRE, 1993, p.11).

De fato, a afetividade é aliada ao professor, pois nessa fase, a criança está em transição entre o ato de brincar e o ato de assimilar os conteúdos. Assim, acredita-se que durante a educação infantil, as informações são intrinsecamente lúdicas, o que ressalta ao educar um ato prazeroso. Nesse âmbito, a afetividade entre professor e aluno é fundamental para estreitar os relacionamentos, cujos objetivos remetam diretamente ao processo de aprendizagem. Segundo a Base Nacional Comum Curricular:

Nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, a ação pedagógica deve ter como foco a alfabetização, a fim de garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letramentos (BRASIL, 2018, p. 59).

Com a necessidade de sobrevivência no século XXI, os pais estão cada vez mais distantes dos filhos ao possuírem jornadas de trabalho acima de oito horas diárias, o que é notório a *praxis* de afetividade em âmbito escolar. De fato, as crianças, ao iniciarem o ensino fundamental nos anos iniciais, passam por uma transição bastante significativa que pode afetar o seu desenvolvimento cognitivo pela falta de afetividade. Conforme a Base Nacional Comum Curricular – BNCC - (BRASIL, 2018), a Lei de Diretrizes e Bases - LDB (1996), entre outros documentos oficiais federais, a criança até o final do segundo ano do ensino fundamental, deverá estar alfabetizada e sem essa *praxis* de afetividade o processo de aprendizagem pode ser postergado. É importante ressaltar que a falta de afetividade durante a infância, tem se estendido também a alguns idosos, quando não fomentado pela instituição escolar ao logo da vida (BALAK & NINGELISKI, 2020).

Como metodologia, esse trabalho está embasado em investigações acerca da revisão literária que discutem a afetividade a partir do/no/sobre o cotidiano nos anos iniciais do ensino fundamental. Para isso, recorreu-se a análise de artigos científicos e obras sobre a temática que permearam para a produção do texto. Com uma perspectiva exploratória, Henri Wallon (1879-1962) foi o autor que ofereceu uma maior sustentação na fase de revisão, a partir das questões educacionais, por discutir a concepção da psicogenética dialética do desenvolvimento, os níveis biológicos e socioculturais que remetem a aprendizagem e por valorizar a relação entre professor e aluno como elementos fundamentais no processo cognitivo.

A presente pesquisa tornou-se relevante a partir do momento em que a criança possui relações afetivas com o educador. Com isso, juntos desenvolvem suas habilidades cognitivas, emocionais, afetiva e de valores que projetam ao processo de ensino e aprendizagem e ao crescimento do indivíduo como cidadão.

A partir das reflexões sobre o tema abordado e para um melhor entendimento dessa pesquisa, dividiu-se o trabalho em cinco etapas. No primeiro momento a introdução e justificativa sobre a temática sobre a afetividade no processo de ensino e aprendizagem. No segundo momento, analisa-se a afetividade nos anos iniciais do ensino fundamental, ao qual é abordado como um sentimento mais arcaico da raça humana, mas que tem sua relevância intrinsecamente no processo de ensino e aprendizagem. No terceiro momento, discute-se a temática do processo de ensino e aprendizagem a partir da afetividade dos educadores e se essa está agregada as práticas de alfabetização. Na quarta etapa, analisa-se qual a contribuição da família nesse processo de ensino e aprendizagem que vem sendo atribuído unicamente a instituição escolar. Por fim, na quinta etapa da pesquisa, as considerações finais e as possíveis contribuições diante da formação inicial e continuada na questão educacional diante de um contexto cada vez mais tecnológico e da conjectura do distanciamento social contemporâneo.

2 AFETIVIDADE NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Na educação infantil, o ato de aprender se dá por meio da ludicidade, que posteriormente passa a dar lugar a alfabetização e letramento. Conforme a BNCC (2018) é valorizando as situações lúdicas que surgem articulações de vivências na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental. Sendo assim, a afetividade por meio da ludicidade é uma grande aliada do professor diante do processo de ensino e aprendizagem. Embora, nesse momento, o educador precisa ser bem cauteloso no ato da alfabetização e letramento, para que esses não sejam dramatizados pelos aprendizes, e sim prazerosas, ao agregar o lúdico em sua didática e prática cotidiana.

A criança desde sua fecundação, ainda no útero materno passa por diversas transformações diárias, principalmente quando esses sentimentos são demonstrados pelos próprios pais. Assim, como uma planta na sua germinação, precisa de água e sol, a criança precisa de afeto fraternal. Conforme Dantas (1992, p, 85) é “na psicologia de Wallon, que a dimensão afetiva ocupa lugar central, tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento”. Para a autora, a afetividade é o sentimento que permeia o ser humano nas fases da vida, passando por constantes transformações e permanece por toda a sua existência.

É também por meio das emoções que o bebê demonstra todos os sinais de insatisfação e satisfação, sendo assim, o meio de comunicação entre ele e o adulto. Desta forma supre suas necessidades tanto orgânicas, como afetivas do ser humano quando correspondido.

O ser humano foi, logo que saiu da vida puramente orgânica, um ser afetivo. Da afetividade diferenciou-se, lentamente, a vida racional. Portanto, no início da vida, afetividade, e inteligência estão sincreticamente misturadas, com o predomínio da primeira (DANTAS, 1992, p. 90).

De acordo com Dantas (1992) a afetividade e a inteligência são dois sentimentos que trabalhado em conjunto auxiliam nas funções cognitivas. Desta forma, a afetividade vem antes da inteligência, pois, ela é um sentimento composto por características que fazem toda a diferença na personalidade do indivíduo. Todavia, a cautela do professor quanto ao afeto pela criança é essencial e esses sentimentos têm características bem positivas e fazem a diferença na construção do ser, se entrelaçando em uma relação indissolúvel.

Segundo Almeida e Mahoney (2012), Wallon dedicou seus estudos a gênese dos processos que constituem o psiquismo humano e também para compreender como a criança passa de uma fase para a outra. Fomentando a teoria do desenvolvimento, que dentre elas, estão os “estágios”, onde o sucesso de um depende do outro. Na perspectiva de Wallon (2007), ele valoriza a idade da criança e cada acontecimento no seu tempo. Para Almeida e Mahoney (2012, p. 9) “entender o processo de desenvolvimento do aluno é indispensável para a construção do conhecimento do professor”. No entanto, o educador antes de avaliar seu aluno no aspecto cognitivo, deve também analisa-lo em um contexto pedagógico, ou seja, como ele está transitando de uma fase para outra e em que estágios estão inseridos.

Desse modo, o Estágio Impulsivo Emocional, corresponde de 0 a 1 ano de idade. Nos primeiros três meses, a criança praticamente dorme o tempo todo, totalmente dependente do adulto para as necessidades cotidianas. Essa fase é o início da vida do bebe como o mundo exterior ao deixar o ventre da mãe, e seus movimentos são aleatórios sem coordenação. Após os três meses iniciam os sinais de reconhecimento e conseqüentemente a comunicação, juntamente com as descobertas de seu próprio corpo.

O Sensório-Motor e Projetivo, ocorre de 1 a 3 anos de idade, onde a criança se manifesta gradativamente ao explorar o mundo oferecido ao seu redor, ela pode ir e vir sem o auxílio de um adulto, tem ênfase a linguagem oral e seu mundo é palpável, as descobertas são concretas, enfatiza o cognitivo para a passagem ao próximo estágio.

O Estágio do Personalismo, que varia entre os 3 aos 6 anos de idade. É a fase em que a criança constrói sua personalidade, fase das descobertas, reconhece o corpo e tudo o que está

ao seu redor, as transformações acontecem a seu tempo, reproduz o que acontece a sua volta. Essa fase é marcada pela imitação e a provocação aos adultos como: “é meu”, “não”, etc. Antes a simbologia estava no sentido figurado e a partir dos três anos o simbólico dá lugar ao real. Segundo Rayane e Souza (2018) é na primeira infância, de 0 a 6 anos de idade, em que o desenvolvimento da criança tem se arquitetado e essa base tem suas consequências para toda sua existência.

O Estágio Categorical, acontece na fase dos 6 aos 11 anos de idade, a criança passa a ter certos discernimentos, adentra ao ambiente escolar que percorre desde os anos iniciais do ensino fundamental e parte nos anos finais, ampliando assim, seus conhecimentos tanto interno como externo. Mesmo com seu crescimento motor o crescimento intelectual carece ser acompanhado de muita afetividade.

O Estágio da Puberdade e Adolescência, praticamente o último estágio, que inicia a partir dos 11 anos de idade. É a fase em que a criança deixa a infância e adentra a adolescência, eles se tornam mais independentes nas suas decisões, a fase da rebeldia em alguns casos, as loucas paixões, é justamente a transição para a fase adulta. As transformações biológicas em alguns casos, podem interferir tanto no campo cognitivo como no afetivo.

No mesmo véis, Almeida e Mahoney (2012) enfatizam para a infância, a fase em que a criança está em constantes transformações. Ela se transforma em um ser em desenvolvimento até que chegue a fase adulta. As autoras consideram tanto a influência familiar como a social em uma reprodução das relações, de convívio e começa a articular-se diferentemente a educação.

As conexões feitas por Wallon (1981) ressaltam a relação da afetividade na reverberação aos estímulos da criança. Portanto, elas estão ligadas, e uma depende da outra para alavancar o aprendizado. Conforme Almeida e Mahoney (2012), a afetividade é o sentimento mais antigo da raça humana, ela é responsável por fatores tanto positivos como negativos e está ligada a um conjunto que compõem três grandes fatores, são eles; o cognitivo, o motor e o afetivo, que são fundamentais para o avanço da criança nas fases de desenvolvimento. O educador mediante seus conhecimentos procura alternativas que instigue seu aluno na vida escolar, considerando sempre o desenvolvimento de cada estágio dos educandos, suas idades e suas mudanças incessantes.

Ao estudar a teoria walloniana (1981, 1986, 2007) entende-se que a criança é o objeto de análise. Assim, ao adentrar em sala de aula tudo gira em torno deles, ou seja, uma relação profunda e cautelosa, que deve estar agregada ao sucesso escolar. Para tanto, o processo cognitivo que cada criança adquire em relação ao conhecimento é diferente, ou seja, cada um

tem o seu tempo de aprendizagem. Desse modo, em todos os aspectos relacionados ao desenvolvimento, diante do processo de ensino e aprendizagem, os educadores precisam buscar a assimilação e o alcance para o campo cognitivo dos seus alunos.

Almeida e Mahoney (2012) apontam para a necessidade da equidade das crianças nesse contexto, que indiferente de etnias e classes sociais, têm seus direitos, suas escolhas, restrições essas que podem decidir o que lhes convém. Portanto, a criança tem suas escolhas, cabe aos adultos mediar essas escolhas, evitando assim possíveis atos indesejados de ambas as partes em âmbito escolar.

A distância entre o educador e o aluno é, às vezes, muito grande, ainda que, aparentemente, se tenha alcançado uma aproximação muito estreita. O educador que se embala com tais ilusões é, às vezes, surpreendido por uma catástrofe que o desengana e o faz dizer diante dos erros inesperados dos alunos: “Mas eu não eduquei assim”. Ele permaneceu como um “estranho” na sua classe (MARCHAND, 1985, p.108).

Marchand (1985) aborda o olhar do professor direcionado aos alunos hiperativos e também aqueles que se mantêm inertes, pois os inertes podem apresentar dificuldades no aprendizado tanto como os hiperativos. Portanto, a dignidade da carreira de educador é árdua e envolve grandes emoções, assim a afetividade se torna papel central no processo de ensino e aprendizagem desenvolvendo as habilidades e potencialidades que todos os alunos necessitam.

A autorrenovação se faz a cada dia na busca do sucesso escolar, cuidar do educador é, muitas vezes, a melhor solução para o problema das crianças com dificuldades de aprendizagem (MARCHAND,1985, p. 21) que podem ser minimizadas diante das formações iniciais como na continuada. Para o autor, há professores frustrados que buscam em seus alunos o que gostariam de ter sido quando eram crianças, se preocupam muito mais com os comentários de seus colegas, quanto sua conduta em sala de aula, do que com o processo de ensino e aprendizagem, deixando assim, que os motivos de insatisfação quanto ao aprendizado fiquem por conta dos alunos indisciplinados e se afastam da real responsabilidade do ato de educar.

3 A RELAÇÃO ENTRE AFETIVIDADE E O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Diante do processo de ensino e aprendizagem, professores e alunos permanecem na instituição por várias horas, e ter afeto não significa apenas assumir responsabilidades sociais, mas proporcionar momentos em que esses indivíduos sintam prazeres em ensinar e aprender, tornando-se a partir daí uma relação duradoura e significativa para ambos.

Polity (2003) aponta que o professor tem que investir no seu aluno e ensinar envolve uma relação de amor e cumplicidade, ao qual a criança está na fase de alfabetização obtendo muitos sentimentos. O aluno idealiza o professor como se fosse um ente querido que inspira confiança, em contrapartida se essa relação for agressiva, ele vê o professor como um desconhecido, levando a anular do conceito de seio familiar em âmbito escolar. Assim, aluno e professor estão sincronizados em uma relação de cumplicidade. A autora aborda a emoção como um conteúdo de aprendizagem. Pois, [...] “não se pode desvincular os sentimentos presentes na relação professor e aluno do ato de ensinar: são partes inseparáveis do mesmo processo”. [...] (POLITY, 2003, p. 29). A autora ainda considera que:

[...] para que a criança aprenda é preciso que ela compreenda. Uma aprendizagem compreensiva requer que o professor conheça o processo de pensamento do aprendiz, apresente problemas que lhe pareçam interessantes e para os quais ele possa oferecer respostas. Isto significa, em outras palavras, que o professor precisa sondar a capacidade da criança, antes de planejar o ensino (POLITY, 2003, p. 50).

Segundo Potity (2003) o professor ao adentrar o espaço escolar, não deve considerar apenas o processo de ensino e aprendizagem, é relevante um conhecimento mais profundo do seu alunato, investigando suas inquietações, considerando que são todos diferentes e cada um tem suas singularidades no aprendizado. Para a autora, o aluno deve ser estimulado, assim como compreendido em ambiente escolar.

Os anos iniciais do ensino fundamental, de fato, é o início de uma das etapas mais importantes da vida escolar e a afetividade a aliada do educador. O professor é o mediador provocador da criança criando situações na busca de conhecimentos e aprendizagem, aguçando um aprendizado enriquecedor que permanecerá nos anos seguintes. Por sua vez, esse tem o papel fundamental de oferecer materiais ao educando com clareza, assim eles adquirem os conteúdos na íntegra, criando uma relação prazerosa entre educador e educando. “Educar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo” (FREIRE, 1996, p. 110).

Para Marchand (1985) cada criança tem seu tempo de assimilar conteúdos, são de diferentes culturas inseridas em um mesmo ambiente, sendo assim, o professor afetivamente de maneira qualitativa busca o melhor resultado para todos. No entanto, tanto o sucesso como o fracasso provêm do mestre, que por meio de atitudes de práticas educacionais provocam em seus alunos o gosto pelas atividades escolares. Por outro lado, atitudes errôneas podem ser cruciais no progresso de desenvolvimento da criança, interferindo no aprendizado e deixando cicatrizes profundas, em alguns casos sequelas irreparáveis. Desse modo, considera-se que: “[...] um mestre tem muito mais poder do que um livro” (MARCHAND, 1985, p. 19).

Saud (2007) destaca suas inquietações sobre o processo de ensino e aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental, no que tange principalmente as crianças entre 6 e 7 anos ao ingressarem no ano letivo do primeiro ano, caracterizado por uma fase de transição, a saber: estágio do personalismo para o estágio categorial, propostos na própria teoria de Walloniana. “Esse movimento que caracteriza o processo de desenvolvimento também se faz sentir no processo de ensino-aprendizagem” (SAUD, 2007, p. 40). Assim, ao ingressarem nos anos iniciais do ensino fundamental, momentaneamente tudo é novidade, distante da realidade que antes na educação infantil, parecia só brincadeira. No entanto, do decorrer do tempo elas descobrem que apenas houve troca de ciclo escolar, ao interagirem na conquista de novos horizontes.

Segundo Almeida e Mahoney (2012) deve-se existir a valorização do ser humano como um todo. Sendo notório que a afetividade move o que está a sua volta e suas características são as respostas do meio em que está inserida, em algumas situações coloca em risco seu aprendizado, provocando um bloqueio dos processos cognitivo e motor. Desse modo, até mesmo um pequeno gesto de afeto pode ter grande significado na aprendizagem do seu aluno.

[...] professor e aluno são pessoas completas, com afeto, cognição e movimento, e assim se relacionam---completos e em movimento---, e é responsabilidade do professor a organização do meio pedagógico, de modo propício ao desenvolvimento e movimento do aluno (ALMEIDA e MAHONEY, 2012, p. 8).

No cotidiano escolar, o educador ao elaborar suas aulas enriquece seu conhecimento, tornado assim uma relação mais rica em conteúdo. Contudo, não basta apenas o professor preparar a aula, ele precisa avaliar o conhecimento das crianças. Às vezes é preciso uma pausa no conteúdo curricular, fazer uma retrospectiva do andamento da aula, ter um diálogo, aproximar-se de seus alunos com um gesto afetivo.

Do mesmo modo, Mendes (2017) optou pela teoria de Wallon para fundamentar seu discurso, por esse enobrecer o ambiente escolar ao processo de desenvolvimento de aprendizagem as questões afetivas, motora e cognitiva. Para essa autora, a afetividade implica em um conjunto indissolúvel com as práticas pedagógicas na formação continuada do educador, que envolve o aluno.

É notável a transformação das crianças desde o início do ano letivo ao decorrer dos meses, quando esses estão agregados a afetividade em ambiente escolar. Segundo Mendes (2017), “cada aluno é um ser único” e uma turma não é igual a outra. Segundo a autora, são fatos que perpetuam em sua memória que fazem a diferença na construção do ser como cidadã.

A equipe gestora escolar tem um papel fundamental na efetivação dessa amálgama entre afetividade e sucesso escolar. E para sustentar essa tese, Mendes enfoca: “[...] a forma como a equipe gestora conduz determinada situação pode “afetar” de forma positiva ou negativa o profissional, deixando marcas na vida do docente e até desmotivando-o [...]” (MENES, 2017, p. 18). Diante do exposto, a falta de relação afetiva entre o professor e os gestores escolares em ambiente escolar pode ter resquícios diretos na aprendizagem dos alunos.

Ao gestor/diretor cabe promover um processo contínuo de formação humana para o conjunto dos seus colaboradores, e não apenas oferecer treinamentos. Assim, iniciativas simples como aniversários coletivos e reuniões voltadas para discussões de questões emocionais de cada profissional são essenciais e demonstram um cuidado da gestão com a sua equipe (PACHECO, 2014, p.19).

Segundo Pacheco (2014) cabe à gestão escolar cuidar não apenas dos alunos, mas da instituição como um todo, tornando-se assim, em um lugar enriquecedor de conquistas intelectuais e afetivas. Desse modo, a escola estará executando seu papel de educar para uma educação de qualidade, construindo uma humanidade onde todos possam desfrutar com igualdade, os prazeres que a vida oferece.

Nossas reflexões nos permitem ver a escola como um lugar que não pode centrar-se exclusivamente nas aquisições intelectuais, devendo conceder maior atenção ao desenvolvimento das capacidades emocionais, sociais e afetivas (POLITY, 2003, p. 60).

Segundo Potity (2003) a escola tem a responsabilidade de proporcionar, tanto para o aluno como para o professor, muito mais do que o ensino e aprendizado, ou estar voltado apenas para a leitura e a escrita, mas na valorização da capacidade e diversidade que cada um possui de conhecimentos prévios. Conhecimentos por sua vez que é adquirido em âmbito familiar.

Cabe ainda ressaltar a parte afetiva que envolve a comunidade escolar.

Não podemos demonstrar algo que não temos, por mais que nos esforcemos para fazer o contrário, em algum momento nos contrariamos e acabamos nos mostrando como realmente somos. A afetividade é algo que se tem ou constrói pelo outro sem esperar nada em troca; se não der para ser dessa forma, tratar o outro com respeito seria o ideal. Em se tratando da educação, a situação não é diferente, já que o professor não deve forçar a demonstração de sentimentos que não têm; mas, obrigatoriamente, respeitar a todos à sua volta pelo próprio papel de responsabilidade que assumiu perante a sociedade. As cobranças se fazem reais e constantes, tanto na vida profissional quanto pessoal do professor, que deve ter no mínimo uma conduta ética e moral, pois esta mostra, verdadeiramente, quem a pessoa é, e os valores morais que regem suas falas e ações (MEDEIROS, 2017, p. 7).

Segundo Medeiros (2017) ao assumir a educação dos anos iniciais do ensino fundamental, o professor faz parte da vida da criança, torna-se uma espécie de modelo a quem se inspira, o que é em comum nessa fase. Nesse contexto o que professor pode oferecer aos seus

alunos é tratá-los com respeito, já que escolheu essa profissão, ao ter contato direto no ensino regular presencial.

4 O PAPEL DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

A sociedade contemporânea vem passando por transformações cada vez mais rápida, assim como o conceito de família e de escola. Nesse caso, a escola precisa compreender esse novo modelo de família e conseqüentemente orientá-la em relação a essas mudanças.

No século XXI, o conceito de família não é mais os mesmos dos séculos anteriores, o antigo padrão deu lugar à família composta por pessoas que não necessariamente são o pai (homem), mãe (mulher), irmãos, mas são pessoas que compõem a casa e a denominam família/responsável. Segundo o Dicionário Aurélio, a denominação de família é: “1 - Pessoas aparentadas que vivem na mesma casa, particularmente o pai, a mãe e os filhos. 2 - Pessoas do mesmo sangue. 3 – Origem, ascendência” (FERREIRA, 1999).

Para Almeida e Mahoney (2012) a família é uma sociedade formada por pessoas, e é o meio em que a criança está inserida naquele momento de cuidados. Essa, tem sua representação social de escola, onde a criança inicia a socialização e adquire suas primeiras autonomias e aprendizagens. A escola e a família tornaram-se a referência para seu crescimento interior e exterior, em que buscam respostas para a construção pessoal de ser humano.

Wallon (1986) define o meio, onde a família mantém a união de pessoas, que juntos realizam tarefas indispensáveis na sobrevivência dos indivíduos em sociedade, dando continuidade à sua espécie:

O meio é um complemento indispensável ao ser vivo. Ele deverá corresponder a suas necessidades e as suas aptidões sensório-motoras e, depois psicomotoras [...] Não é menos verdadeiro que a sociedade coloca o homem em presença de novos meios, novas necessidades e novos recursos que aumentam possibilidades de evolução e diferenciação individual. A continuação biológica da criança ao nascer, não será única lei de seu destino posterior. Seus efeitos podem ser amplamente transformados pelas circunstâncias de sua existência, da qual não se exclui sua possibilidade de escolha pessoal [...] Os meios em que vive a criança e aqueles com que ela sonha constituem a “forma” que amolda sua pessoa. Não se trata de uma marca aceita passivamente (WALLON, 1986 apud ALMEIDA e MAHONEY, 2012, p. 78 e 79).

O seio família é o local em que a criança tem a certeza que ao voltar estará à sua espera, o seu porto seguro. Para a criança o seu valor é incalculável no processo de desenvolvimento da vida, pois é ali que ela consegue ter o respaldo e apoio quando mais necessita.

Pacheco (2014) aborda o cuidar e o educar como essência na conduta de ambas as partes, é importante na construção da criança que a família se envolva na comunidade escolar,

não deixando apenas sob responsabilidade professores por alegar que a falta de tempo é destinado aos trabalhos rotineiros e afazeres domésticos. De fato, o amor da família é indispensável em todas as fases da vida de uma criança e o educador no contexto escolar complementa essa jornada afetiva.

A Constituição Federal de 1988:

Reconhece a educação como um direito fundamental compartilhado entre Estado, família e sociedade ao determinar que a educação, direito de todos e dever do Estado e da Família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988, Artigo 205).

Segundo a BNCC (BRASIL, 2018), é dever da família em conjunto com a escola a educação integral da criança. Portanto, a família não pode se ausentar de seus deveres junto a escola na educação de seus filhos. Conforme a Constituição Federal (BRASIL, 1988), uma parceria comprometedora as partes responsáveis, devem zelar o bem-estar da criança, tanto na sua construção da sua vida profissional, quanto pessoal.

Antigamente, a instrução dos filhos era dever exclusivo da família. Mas a vida foi se complicando e o conjunto dos conhecimentos a serem adquiridos por uma pessoa também se estendeu indefinidamente. O resultado disto é que a escola tomou, aos poucos, o encargo de instruir as crianças e os adolescentes. Muitos até lhe atribuem a missão de formar-lhes o caráter. Se a importância da escola é tão grande na educação dos nossos filhos, convém aos pais cercar de todo o carinho não somente a escolha do colégio, mas ainda as relações entre a família e o diretor e professores (WEIL, 1979, p. 61).

Para Weil (1979) na sociedade contemporânea e na era da tecnologia, a escola e família também passaram por transformações, onde antes as mães não saíam para trabalhar e cuidavam dos filhos, nos dias atuais grande parte dessa responsabilidade ficou a cargo dos educadores. Assim, as crianças passam a maior parte do tempo nessas instituições de ensino, consequentemente, uma conquista social para os pais e também para as crianças. Segundo a BNCC (BRASIL, 2018), elas têm esse direito garantido, no entanto, a família não deve confundir essa conquista deixando apenas o ato de cuidar e educar nas mãos dos educadores, o afeto é necessário para o desenvolvimento da criança, tanto da família, como da escola.

Corroborando, “a educação com vistas à formação do caráter, da autoestima e da personalidade da criança ainda é, na maior parte, responsabilidade dos pais” (TIBA, 2002, p. 180). Os alunos são para a escola seres que chegam e ficam por tempo determinado e vão embora, ou seja, a escola é uma passagem na vida da criança e que sua família pode determinar qual a melhor escola para a criança. Já na família, a criança nasce inserida nela, sendo de sua responsabilidade a educação, em parceria com a escola e com a comunidade.

Tiba (2003) relata que certo dia um pai lhe perguntou: “Coloquei meu filho aos 11 anos numa escola e ele saiu no terceiro colegial usando drogas. O que devo fazer? [...], “Onde o senhor esteve durante todo esse tempo?”. Conclui-se que esse pai esteve ausente da vida do filho, deixando a cargo da escola, a educação que deveria ser uma parceria escola/família. O pai desligou o telefone com a sua pergunta, e ficou a dúvida, será que a escola procurou essa família? Ambas se ausentaram da vida dessa criança? “Para a escola, esse é só um ex-aluno. De fato, para o pai, esse filho é para sempre” (TIBA, 2003).

Segundo Tiba (2003) a escola e a família são parceiras em relação a vida da criança durante sua permanência naquele determinado estabelecimento, ao qual deve ser regrado de afetos. O professor deve conhecer seus alunos e suas singularidades, que muitas vezes, a família não percebe durante anos. Sendo assim, será que isso é suficiente para que essa criança trilhe o caminho almejado? Para TIBA (2003), são três os personagens mais importantes da educação da criança: “mãe, pai e escola”. Nesse contexto de nuance e responsabilidades, a sociedade também se inclui, pois todos estão incluídos na sociedade. Portanto, a família deve estar enlaçada com a escola, desta forma, a responsabilidade da criança é do conjunto em um todo. E todos têm a missão da afetividade.

Tiba (2003) também aborda que: “A mãe não deve confundir o desejo de ajudar, com o fato de fazer pelo filho” (TIBA, 2003, p. 186). Dessa forma, a mãe, não deve carregar a mochila para o filho, nem fazer a lição, nem colocar a roupa, isso não apresenta afetividade em seu verdadeiro contexto. Pois, na escola ninguém irá fazer por ele. É notório que a criança precisa criar sua independência, sua autonomia e construir seu futuro. Cabe a família, proporcionar à criança ambientes agradáveis que estimulem o prazer para estudar, fazendo com que ela decida qual o melhor horário para realizar suas atividades. Ou seja, apenas mediar nas tarefas escolares e não fazer para a criança. De fato, em sala de aula que o aluno faz suas atividades, não cabendo ao professor e nem tão pouco aos colegas. “Se o filho sabe estudar, aprendeu estudando. Ninguém pode estudar por ele” (TIBA 2003, p. 189).

Segundo ALVES (2000), as crianças são como as borboletas, elas aprendem a voar, assim como as borboletas deixam seu casulo e saem pelo infinito que está a sua espera. Os atributos da família e da escola são guiá-las para que não se percam no meio do caminho e a criança precisa ser aguçada a querer aprender dia após dia. Desse modo, é enviado para a memória tudo aquilo que quis aprender, não menosprezando a parte do professor e o apoio da família em fazer com que jamais a criança seja impedida de sonhar. “É o poder de sonhar que nos torna humanos, pensar é voar em pensamento, e sonhar voar como as borboletas (ALVES, 2000, p. 67).

A família e a escola precisam estar atentas ao comportamento das crianças, pois qualquer imprudência pode levar a perdas lastimáveis. A educação, no entanto, precisa ser sólida, principalmente nos moldes atuais da era da tecnologia, em que as crianças aprendem com apenas um deslize do dedo na tela de um celular. Toda cautela é pouco. [...] “os educadores, antes de serem especialistas em ferramentas do saber, deveriam ser especialistas em amor, intérpretes de sonhos” (ALVES, 2000, p. 93). Ao longo da pesquisa, percebeu-se por meio dos textos e obras que a família deve apresentar a criança o ambiente escolar como um lugar especial, onde irá fazer novas amizades, aprender novas brincadeiras e obter novos conhecimentos.

A família deve ouvir todos os relatos da criança de suas atividades desenvolvidas em âmbito escolar, do mesmo modo ouvir também todas as vivências fora do âmbito escolar, para ampliar a confiança em relação a família e a escola. Há deveres que são responsabilidade da escola e deveres que cabem a família, assim eles não devem ser confundidos. Ambos estão unidos para uma educação de qualidade diante da responsabilidade estabelecida por lei e pelo processo de ensino e aprendizagem, que jamais deve ser alterado. Todavia, como observador e instigador de conhecimento dos alunos, o professor deverá desenvolver práticas pedagógicas que levem seus alunos à aprendizagem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização da revisão literária e conforme discutido nos aportes teóricos pode-se concluir que a pesquisa fomentou as inquietações apresentadas sobre a afetividade em relação do processo de ensino e aprendizagem. Assim, de fato, a falta de afetividade interfere no aprendizado, sendo que a maior delas é em relação ao aluno, e que implica diretamente na qualidade do ensino. A relação que une as habilidades motoras, afetivas e cognitivas em ambientes escolares, são processos que estão atrelados e podem afetar profundamente a criança. Pois, a falta de afeto do professor pode desestruturar esse trio, levando-a a ficar desmotivada, e assim perder o estímulo pela aprendizagem, que conseqüentemente remete diretamente ao fracasso escolar e no projeto de vida dos alunos.

Com as leituras analisadas, percebeu-se que a afetividade tem tornada aliada ao professor e deve estar embutida nas práticas cotidianas. Não basta apenas teoria e muitas atividades, é preciso elaborar aulas que instiguem as crianças e as mantenham cada vez mais próxima do educador, como no caso da ludicidade. A criança quando não se sente inserida pelo professor, logo entende que houve sua exclusão social, fato tão perverso e recorrente no

cotidiano de escolas brasileiras. Há também a afetividade da gestão para com o professor, ao qual é necessária para melhorar o processo de ensino, pois parte do pressuposto que todos os envolvidos devem conhecer e praticar a afetividade.

O professor ao adentrar a sala de aula estará lidando com seres em construção e a afetividade é sua aliada no processo de alfabetização nessa fase da vida dos alunos. Conforme os resultados, a criança está nas mãos do educador, ele é sua referência, sendo educador mediador.

Portanto, embrenhar-se aos estudos que tange o desenvolvimento da criança move sentimentos de afeto e emoção, o que nos tornam defensores da afetividade tanto no lar como na escola. A afetividade é intrínseca os sentimentos necessários do ser humano, vivenciados em todas as etapas fases da vida. Porém, na atualmente, a humanidade está cada vez mais dotada de tecnologias distanciando as pessoas umas das outras, seja por celulares, e-mails, etc, mesmo em um curto espaço. E a carência desse afeto e do contato físico tem aumentado a partir do primeiro semestre do ano de 2020, por conta do isolamento social, devido ao coronavírus (COVID-19), uma doença infecciosa causada por um vírus, ao qual por esse motivo fechou escolas por todo país, decretado por uma pandemia, jamais vistas por alunos do século XXI. Assim, as escolas passaram a ministrar aulas e atividades por meio de ferramentas virtuais para minimizar os impactos pedagógicos na aprendizagem dos alunos durante esse ano letivo. Contudo, ainda é muito cedo analisar cientificamente as sequelas que esse isolamento social tem provocado nas questões de afetividade no cotidiano escolar. Pois, em meio ao cenário mundial e nacional, os órgãos de saúde mantêm o fechamento das instituições de ensino por tempo indeterminado, até a edição das considerações finais desse texto. Que nesse momento traz um reflexão importantíssima sobre o conceito de afetividade em ambiente escolar diante da conjectura mundial.

6 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. “Wallon e a Educação”. *In*: MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. (Organizadoras) - **WALLON, Henry**: psicologia e educação. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula** / Campinas. SP: Papyrus, 1999. – (coleção Papyrus Educação).

ALVES, Rubem, 1933- **A alegria de ensinar** / Campinas. SP: Papyrus; Rubem Alves M.E.,2000.

BALAK, Juliana Gruber; NINGESLISK, Adriane de Oliveira. Abandono afetivo inverso: a responsabilidade civil dos filhos por abandono afetivo dos pais idosos. **Academia de Direito**. v. 2, p. 1-24, jan. 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.unc.br/index.php/acaddir/article/view/2294> Acesso em: 27. Set. de 2020.

BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica; Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/04/BNCC_19mar2018_-versa_ofinal.pdf Acesso em 27 set. de 2020

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição** da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988

BRASIL. **Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. In: Diário da União, ano CXXXIV, n. 248, 23.12.1996.

DANTAS, Heloysa. A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon. LA TAILLE, Y. In: Piaget, Vygotski, Wallon. **Teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

FERREIRA ABH. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3 ed. totalmente rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. - São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não cartas a quem ousa ensinar**. Editora Olho d'Água: São Paulo 1993.

MARCHAND, Max. **A afetividade do educador** / Max Marchand; (tradução de Maria Lúcia Spedo Hildorf Barbanti e Antonieta Barini; direção da coleção Fanny Anbramovich). – São Paulo: Summus, 1985. (Novas buscas em educação; 23).

MEDEIROS, Maria Fabrícia de. O Papel da Afetividade na relação Professor e Aluno e suas Implicações na Aprendizagem. **Revista On-line de Política e Gestão Educacional**, v.21, s. esp.2, Araraquara, 2017, p. 1165-1178. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/10179> Acesso em 26 set. 2020.

MENDES, Daniela Barros, **Memórias afetivas**: a constituição do professor na perspectiva de Henry Wallon / Daniela Barros Mendes. São Paulo: Edições Loyola, 2017.

PACHECO, Josemary de Souza. **A afetividade na instituição escolar**. Recife, 2014. Disponível em: https://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/posdistancia/52471.pdf Acesso em 28 set. 2020.

POLITY, Elizabeth. **Ensinando a ensinar**: educação com afeto – 2.ed. ver.—São Paulo: Vetor, 2003.

RAYANE, Daniele Barbosa; SOUSA, Daniela Heitzmann Amaral Valentim de,. Privação afetiva e suas consequências na primeira infância: um estudo de caso. **Interscientia**, vol. 6, nº 2, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unipe.br/index.php/interscientia/article/view/721> Acesso em: 28 set. 2020.

SAUD, Cláudia Maria Labinas Roncon. “Com a palavra, as crianças: os sentimentos de alunos e alunas da 1ª série do Ensino Fundamental 1” *In*: ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. MAHONEY, Abigail Avarenga (orgs) **Afetividade e aprendizagem**; contribuição de Henry Wallon. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

TIBA, Içami. **Quem ama educa!** São Paulo: Editora Gente, 2002.

WALLON, Henry. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WALLON, Henry. **As origens do pensamento na criança**. São Paulo: Manole, 1986.

WALLON, Henry. **Psicologia e educação da infância**. Lisboa: Estampa, 1981.

WEIL, Pierre. **A criança, o lar e a escola**. Petrópolis, RJ. 1979, Editora Vozes Ltda.